

## AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM OLHAR SOBRE O DESENHO ANIMADO MUNDO BITA<sup>1</sup>

**Cauana Peyrot Conceição<sup>2</sup>, Maria Simone Vione Schwengber<sup>3</sup>, Maria Regina Johann<sup>4</sup>,  
Joice Andressa Fritz Drefs<sup>5</sup>, Julia Amanda Herter Schneider<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido como requisito parcial de obrigatoriedade de Bolsista CAPES

<sup>2</sup> Licenciada em Educação Física e Doutoranda em Educação nas Ciências (Bolsista CAPES) na UNIJUÍ

<sup>3</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (UNIJUÍ).

<sup>4</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (UNIJUÍ).

<sup>5</sup> Licenciada em Pedagogia e Mestranda em Educação nas Ciências (Bolsista PROSUP/CAPES) na UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia na UNIJUÍ

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações étnico-raciais na série de desenhos animados Mundo Bitá, tendo como base a análise do discurso de Foucault (2010). Mundo Bitá é uma série de animação pernambucana que está sendo muito difundida entre as crianças (2022), estando em diversos ambientes, como Netflix e Youtube. Nesse sentido, buscamos compreender em que medida o desenho animado Mundo Bitá permite pensar acerca do imaginário social dos povos africanos e quais as potencialidades do tema para uma revisão, desconstrução e reconstrução das compreensões/preconceitos em torno, uma vez que a decolonialidade torna-se um conceito estruturante. Assim perguntamos: quais as relações étnico-raciais podemos observar no desenho animado “Mundo Bitá”? A técnica para o tratamento dos dados utilizada neste trabalho foi a análise de discurso (FOUCAULT, 2010). Movimento de análise considera e os resultados apontam que o desenho animado Mundo Bitá em alguns de seus episódios vem carregado de conceitos estereotipados que reafirmam preconceitos e fomentam o racismo. Considerando que há uma realidade cultural vinculada às plataformas digitais no Brasil. Por outro lado, mas no mesmo sentido de análise do caráter estruturante do racismo na sociedade brasileira, há uma ideia recorrente da pureza e da inexistência de preconceitos por parte das crianças. Esses aspectos, outrossim, reforçam ideias estruturantes de pensar as crianças numa perspectiva universalizante e ingênua.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Étnico-racial. Mundo Bitá. Decolonialidade.

### ABSTRACT

This work aims to analyze ethnic-racial relations in the cartoon series Mundo Bitá, based on Foucault's discourse analysis (2010). Mundo Bitá is an animation series from Pernambuco that is being very widespread among children (2022), being in different environments, such as Netflix and Youtube. In this sense, we seek to understand to what extent the cartoon Mundo Bitá allows thinking about the social imaginary of African peoples and what are the potentialities of the theme for a review, deconstruction and reconstruction of the understandings/prejudices around it, once decoloniality becomes a structuring concept. So we ask: what ethnic-racial relations can we observe in the cartoon “Mundo Bitá”? The technique for processing the data used in this work was discourse analysis (FOUCAULT, 2010). Analysis movement considers and the results point out that the cartoon Mundo Bitá in some of its episodes is loaded with stereotyped concepts that reaffirm prejudices and foment racism. Whereas there is a cultural reality linked to digital platforms in Brazil. On the other hand, but in the same sense of analysis of the structuring character of racism in Brazilian society, there is a recurring idea of purity and the absence of prejudice on the part of children. These aspects, moreover, reinforce structuring ideas of thinking about children in a universalizing and naive perspective.



**Keywords:** Speech analysis. Ethnic-racial. Bitá World. Decoloniality.

## INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo considera parte da problemática das relações étnico-raciais na série de desenhos animados Mundo Bitá, tendo como base a análise do discurso de Foucault (2010). Mundo Bitá é uma série de animação pernambucana apreciada por crianças e difundida nas plataformas da Netflix e do Youtube. Diante da sua abrangência e da especificidade de público que a série atinge, entendemos pertinente analisar e problematizar o seu conteúdo em vistas de compreender qual o imaginário social dos povos de tradição africana é apresentado às crianças e quais as potencialidades do mesmo para uma revisão, desconstrução e reconstrução acerca do tema.

Ainda, o trabalho se inscreve na agenda dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os quais são um conjunto de 17 metas globais estabelecidas pelas Nações Unidas. Esses têm como objetivo combater os desafios globais até o ano de 2030 e promover a sustentabilidade, dentre esses estão o combate à fome, redução das desigualdades e da pobreza, saúde, qualidade na educação e a igualdade de gênero.

Partimos de uma hipótese que considera os conteúdos digitais como as animações e os filmes, com potencial favorável à construção e à influência de opinião e de formação de valores morais e estéticos. Sendo assim, nos interessa analisar os conteúdos (ou elementos) desta Série e apontar questões de âmbito formativo, tendo como referência os desafios contemporâneos no horizonte da decolonialidade e da formação das novas gerações.

A reflexão oportuniza desconstruir pré compreensões/preconceitos em torno, uma vez que a decolonialidade torna-se um conceito estruturante. Assim perguntamos: quais as relações étnico-raciais podemos observar no desenho animado “Mundo Bitá”? Nessa direção, é necessário compreender em que medida o desenho animado Mundo Bitá permite pensar o imaginário social dos povos africanos e de que maneira sua reflexão oportuniza desconstruir pré compreensões/preconceitos.

Antes de adentrarmos no tema propriamente dito - decolonialidade e formação - observamos que disso, faz-se necessário pensar que os aparelhos eletrônicos (televisão, celulares, notebooks) têm ocupado também os espaços educacionais, tornando-se uma “escola paralela”. Também há a presença de programas considerados estimulantes para a imaginação,

a aprendizagem – o que pode levar os educadores a assumirem uma posição de mediação entre os conteúdos da TV e das plataformas digitais, a escola e os processos de aprendizado que envolvem os alunos.

Compreendemos que os desenhos animados são produtos midiáticos, vinculados aos artefatos culturais, os quais participam das práticas socioculturais cotidianas das crianças contemporâneas, representando referências para a sua construção de entendimento de si e do mundo. Os desenhos animados surgem como instrumentos e os produtos midiáticos, as quais são produções endereçadas a um público específico. Ainda são considerados uma espécie de artefato cultural, que tem uma linguagem própria (imagem móvel, animada). Alguns são utilizados como instrumentos de ensino-aprendizagem que podem auxiliar no desenvolvimento dos conteúdos construídos em sala de aula, a partir da associação entre mundo real e imaginário, preenchendo lacunas deixadas pelo processo de ensino-aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Os artefatos culturais endereçados às crianças subjetivam as suas identidades, as posições de sujeitos na contemporaneidade. Compreendemos os desenhos infantis como artefatos culturais, mas também como documentos históricos, que contribuem para que se reconheçam as marcas raciais e os aspectos culturais de uma sociedade ou época. As subjetividades apresentadas através dos artefatos culturais voltados para a infância produzem efeitos no desenvolvimento das crianças, as quais podem mobilizá-los como referência de moralidade e gosto.

O tema central deste artigo parte da representatividade dos negros nos desenhos infantis brasileiros, visando compreender a representação dos personagens negros. Questões como a posição do personagem, lugar na narrativa, personalidade e colocação e características físicas são discutidas a fim de entender os estereótipos coloniais que ainda permanecem nas representações dos personagens.

Nessa perspectiva, compreendemos a decolonialidade como projeto que teve origem simultânea ao início do sistema-mundo moderno/colonial, sendo que este organiza diferenças e desigualdades entre povos a partir da ideia de raça (Quijano, 2005).

A perspectiva aqui apresentada parte da noção de que os artefatos culturais educam e formam os gostos e as opiniões, portanto, sugerem valores e visões de mundo, de sociedades. Se isso faz sentido, nosso empenho é de abordar tais noções em relação a um artefato em

particular, que é a animação Mundo Bitá e ao tematizá-lo e problematizá-lo trazer contribuições para o horizonte da educação, em especial, das crianças, uma vez que a mesma não se restringe à família e à escola. Desse modo, a decolonialidade assume destaque como elemento estruturante dessa discussão na medida em que o tempo presente requer a sua abordagem, pois são muitos os desafios em direção à desconstrução de valores e a ampliação de visões de mundo.

## **METODOLOGIA**

O Mundo Bitá é composto em sua totalidade por 65 episódios, divididos em sete séries e dois desenhos adicionais. Para realizar a análise qualitativa, foram realizadas duas etapas: a primeira etapa envolveu a análise de imagem e a segunda etapa focou na análise do som. Mundo Bitá é um projeto de entretenimento infantil criado pelo músico e designer pernambucano Chaps Melo, em 2010.

Com quase 11,2 milhões de inscritos no canal do *Youtube*, a história do desenho foi associada a muita simpatia desde o início. Seu criador, Chaps Melo, desenhou o personagem Bitá para decorar o quarto de sua filha Bebel, que ainda estava para nascer. A produção que surgiu no *Youtube*, partiu para os canais de TV, e agora para o streaming, tem como público-alvo são as crianças de 2 a 6 anos e suas famílias. O desenho animado criado em Recife chegou à *Netflix*, *Discovery Kids* foi lançado em espanhol e também em português europeu. E agora, o Mundo Bitá chegou a plataforma digital “Dentro da História” para que as crianças possam fazer parte desse universo através da leitura.

A técnica para o tratamento dos dados utilizada neste trabalho foi a análise de discurso (Foucault, 2010). Para olhar os dados produzidos, optamos pela análise do discurso foucaultiana, que é mobilizada como uma ferramenta analítica, no sentido de pensar e ver o que há de “mais” nos discursos.

Nessa direção, compreendemos que o discurso, a partir da série do Mundo Bitá, não é uma cadeia lógica de frases e palavras cuja intenção em si tem significado, mas um enunciado articulado às imagens animadas, que visam a comunicação de mensagens uma ferramenta importante para a construção de uma organização funcional de um determinado imaginário social. Compreendemos que os significados construídos pelas crianças ultrapassam o aspecto discursivo, uma vez que também podem ser realizados pelas imagens/fotografia, sons e efeitos visuais, ou seja, aquilo se chama de paisagem sonora da animação.

O discurso não é predominante, não é mais um representante do significado pelo qual as pessoas lutam e/ou debatem, mas um dispositivo do desejo. “O discurso, longe de ser [...] [um] elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica [...] [é, antes,] um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (Foucault, 2010, p. 9).

Foucault (2010) ainda propõem pensar as singularidade discursivas, considerando fatores como: a verdade e tempo, uma vez que não existem verdades definitivas, procuramos com olhares alargados perceber onde estes discursos têm lugar, que posições de sujeito são ocupadas e como os atores se movimentam nessas posições definidas, quem fala e que espaços ocupam. “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 2010, p.50).

Dessa forma, analisamos a série animada Mundo Bitá como um todo constituído por imagens, palavras, símbolos e sons. Mobilizamos essa análise enfatizando o personagem negro Dan, do seriado animado e as relações com seus amigos Bitá, Lila e Tito.

No recorte, analisamos signos e significados com um olhar especial para o jogo da câmera, e inspiradas em Rose (2015), entendemos que a música não transmite a imagem completa, criando assim um amálgama entre som e imagem (Rose, 2015), mas, também, consideramos que as imagens são sempre polissêmicas, o que explica a necessidade da complementaridade do texto e a polissemia da imagem (Penn, 2015).

Foucault (2010), ensina com a análise do discurso, ver a “coisa e o já-dito” no âmbito da existência dos discursos. Diante disso, faz-se necessário (a partir das palavras e das coisas), problematizar a produção dos sentidos atribuídos, que se dão por meio da materialidade das linguagens, em movimentos discursivos e produção de identidades/subjetividades. A linguagem opera no que tange ao humano, numa reflexão individual, no qual o próprio sujeito é posto diante de si, permitindo-lhe ordenações e representações.

Tomamos o enunciado, além de uma emergência, como um átomo do discurso, que tem a “função de existência”. Ele se constitui sobre unidades como a proposição, a frase e o próprio ato de linguagem. Não pode ser entendido como uma unidade singular ou ser confundido com uma frase, pois o enunciado se encontra na transversalidade das frases e dos atos de linguagem (Foucault, 2010). Os enunciados a serem analisados, são tratados como acontecimentos no interior de um arquivo, no qual cada um possui sua singularidade e regularidade num domínio

de memória e vai manter relações com outros enunciados da mesma formação discursiva (Foucault, 2010).

Ainda com Foucault (2012), entendemos que o discurso tem desempenhado um papel de controle, restrição e verificação das regras de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais. Por conseguinte, o discurso pode ser conceituado como uma rede simbólica, que está conectada a muitos outros discursos - ou a muitas outras redes de discurso - em um sistema aberto que registra, e replica e estabelece uma sociedade específica. Os valores que os fazem viver para sempre.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A mobilização do desenho animado, como ferramenta pedagógica, tem se mostrado como um recurso potente de aproximação entre as crianças e as realidades culturais por elas vivenciadas da realidade cultural vivenciada pelas crianças. Nesse contexto, os desenhos animados (nesse caso Mundo Bitá) e a musicalidade surgem como instrumentos de apoio ao desenvolvimento dos conteúdos construídos em sala de aula. Segundo Gomes et al (2012), o uso de desenhos animados possibilitam moldar uma consciência crítica, promovendo a criação de conceitos e valores a partir das relações étnico-raciais, sobretudo na educação.

Tomamos aqui, a compreensão de uma educação com intencionalidade para que a escola, implicada com as relações étnico-raciais, possa planejar um cenário menos hostil e uma cultura de combate ao racismo e as demais formas de preconceitos e discriminações. Nesse sentido, compreendemos a necessidade de análise acerca dos conteúdos dos desenhos animados, nesse caso, do Mundo Bitá e de como ele poderia ser explorado pedagogicamente.

Segundo Kaercher (2010), as subjetividades são formadas em um processo contínuo, fluido e reinventadas no transcurso de complexas histórias e vivências imbuídas de sentimentos de pertença, constituídos no interior de jogos de saber-poder, o que produzem também uma certa pedagogia de racialização.

Conforme aponta Kaercher (2010), a pedagogia da racialização no Brasil permite que o conceito de branquidade e da negritude seja criado e diferenciado a partir “[...] dos modos como se é branco ou negro, parece operar no sentido de se constituir como um processo “natural”, demarcado por traços “indiscutíveis” e visíveis [...] a cor da pele, o cabelo e os traços fenotípicos [...]”. (Kaercher, 2010, p. 27). O racismo não é oriundo apenas de artefatos

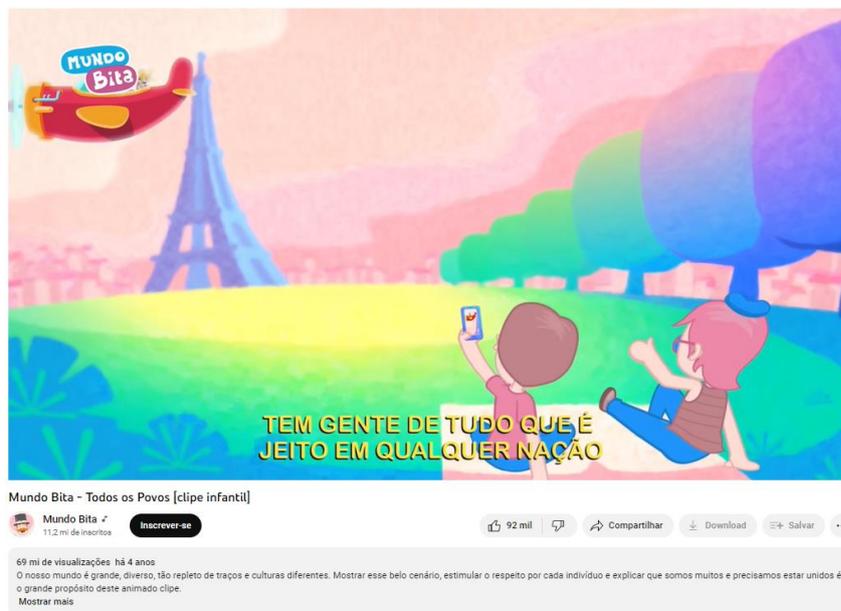
culturais, mas, talvez, esse seja o ambiente mais propício para que possamos desmistificar. Sendo assim, “[...] pode-se afirmar que raça e etnia são construções culturais que se instituem nos artefatos - como livros infantis, nos filmes, nas séries - e que “formam” as identidades raciais dos sujeitos que interagem com tais artefatos.” (Kaercher, 2010, p. 31).

A letra da música “Todos os Povos”, (a qual faz parte do Episódio - Todos os Povos”) lançado na plataforma do youtube em 5 de janeiro de 2018, têm, na data de 22/11/2022, 69.165.102 visualizações. A descrição do episódio: “O nosso mundo é grande, diverso, tão repleto de traços e culturas diferentes. Mostrar esse belo cenário, estimular o respeito por cada indivíduo e explicar que somos muitos e precisamos estar unidos é o grande propósito deste animado clipe.” (Descrição do desenho vinculado ao Youtube- <https://www.youtube.com/watch?v=1TuiHeNltbo&t=8s>).

O “Mundo Bitá” contribui, a partir dos desenhos e da música, para os processos de escolarização formal e informal. Na Educação Infantil, as músicas do grupo são inseridas de maneira formal ou informal, dentro ou fora da sala de aula, através de uma escuta direcionada para o processo de ensino-aprendizagem.

A letra da música traz a ideia de que há no mundo diferentes povos, “Tem gente de tudo que é jeito em qualquer nação” de diferentes etnias, “cada cor que tem cada pessoa, deixa essa mistura boa”. Por outro lado, a série analisada mostra uma África inóspita e desabitada, por exemplo, sem tecnologia, levando em consideração o negro sempre em segundo plano, não exercendo seu protagonismo. Aqui é possível pensar a decolonialidade em relação às tradições dos povos africanos:

### Episódio - Todos os Povos



### CONCEIÇÃO (2023)

Figura 2: Episódio - Todos os Povos



### CONCEIÇÃO (2023)

Podemos observar que o desenho reforça o estereótipo que o africano é atrasado e que vive ainda sem civilização, ao mesmo tempo há um fortalecimento da ideia que o europeu vive

abrigado e feliz sob o conceito do “conforto” tecnológico e de civilização. As vidas são colonizadas na perspectiva de etnia/raça, as quais mantêm a dinâmica de posição dos grupos chamados periféricos. Por isso a ideia de uma colonialidade racista é um sustentáculo à permanência de certos estigmas e estereótipos.

O posicionamento do avião nos dois quadros em destaque reflete a unidade tecnológica mundial, mas existe uma forte construção do outro, a Torre Eiffel transmite um conceito de modernidade, o mesmo não se encontra na imagem que se refere aos africanos, onde a roupa não faz parte do processo de reprodutibilidade ocidental. O imagético, em relação ao celular, semiologicamente analisado, monta uma relação próxima do europeu com a tecnologia encorpando e imprimindo uma África inóspita e incivilizada.

No episódio, o estereótipo clássico em relação à África vem ancorado na ideia de um desbravador (turista) que vai caçar em um safari, pega um avião e vai à África. Porém, deixa a mensagem de (ideia) que a África é apenas essa representada no desenho, sem a pluralidade cultural, étnica, climática e social. Sem a mediação de um adulto (pais, professores), a criança pode interpretar uma África sem ciência, sem diversidade artístico-cultural, sem dinamismo social e essa visão pode reforçar determinados estereótipos que são veiculados em alguns livros didáticos, histórias, lendas, filmes e comportamentos sociais. A seguir analisaremos o episódio “Bitá e o Nosso Dia - Hora da Escola”:

Figura 3: “Bitá e o Nosso Dia - Hora da Escola”



CONCEIÇÃO (2023)

Bitá e o Nosso Dia - Hora da Escola, volume 4 apresenta uma diferença em relação ao desenho anterior analisado, onde o Dan é minoria na escola. Dan fica posicionado no fundo da



sala. A sala de aula predomina ao lugar como do ideário de branqueamento, parece apontar para a solidão da identidade negra, como diz Munanga (2019, p. 126): “ele é —um e outrol, —o mesmo e o diferente, —nem um nem outro, —ser e não ser, —pertencer e não pertencer.” Essa indefinição social do *apartheid*, conjugada com o ideário do branqueamento da escolarização, dificulta a identidade escolarizada negra. A identidade negra se constrói na diferença. As crianças negras são representadas como menos atuantes na sala de aula, no sentido de possuírem características que as colocavam em posição de afastamento.

Podem-se falar de uma violência racial contínua, em que os negros são vistos como menores em relação aos brancos, são desrespeitados em sua integridade cognitiva, moral e física, o que bell hooks (2020) aponta, que conseqüentemente interfere de forma negativa na construção de sua identidade negra, bem como no desenvolvimento pleno desses sujeitos. Esse processo de idealidade da escolarização do branqueamento preponderante da identidade nacional brasileira. Tal posição encontra-se enraizada nos brasileiros, mestiços, pardos, negros que, defrontados com o racismo escolar são, muitas vezes, impedidos de galgar determinados espaços sociais de escolarização. Percebe-se, assim, a intenção de anular o negro na história do Brasil, com a postura de colocar lugar menor, como na imagem, desarticulando assim o negro de sua escolarização.

Entende-se que esse processo de pouca representatividade vivida cotidianamente pelos alunos negros na sala de aula impede diretamente a construção de uma identidade racial positiva, em relação a escolarização haja vista que: —a infância é um momento importante, pois, as crianças estabelecem relações de pertencimento e começam a formar a sua auto-identificação a partir do lugar posicionado nessas relações.

O posicionamento desses alunos solitários (pela condição étnica), por serem negros demonstra essa dificuldade de uma identificação sólida. Ao mesmo tempo, pode-se pensar no orgulho de estar lá evidenciando assim o processo de construção identitária em que se encontram, marcado pelo difícil dilema entre a negação constante do seu pertencimento racial e a afirmação do mesmo.

A construção da identidade negra em meio a sala de aula se torna um processo complexo e, muitas vezes, até mesmo solitário (sem olhar dos colegas e dos professores), no qual os alunos negros buscam representações que resistam às imagens estereotipadas e preconceituosa que lhes é atribuída; representações essas da solidão do indivíduo-negro.

A população negra, que é mais da metade da sociedade brasileira, sofre racismo todos os dias, é pouco representada e relativizada no Brasil em um discurso falso de igualdade social. Trata-se, assim, de uma ação sistematicamente política, que relega os negros às posições mais solitárias, em educação, saúde, moradia, lazer, escolarização.

O fato de o personagem Dan ser minoria justamente na escola nos leva a refletir sobre o sistema de cotas nas universidades e as demais políticas públicas que oportunizam o empoderamento ao negro e visibilidade social. Desde de muito cedo, a maioria dos jovens negros lançam-se no mercado de trabalho para ajudar economicamente a família, assim, deixando visível que não há igualdade no acesso e permanência à escola.

Telles (2003) discute a estrutura social do Brasil, em relação a sua formação social marcada por “questões de pele”, apontando para o papel da escola nesse processo, no qual a desigualdade entre brancos e negros no Brasil vai além dos aspectos materiais, apresentando-se em diferentes relações de poder. Nesse sentido, os negros têm dificuldade em participar plenamente da sociedade quando se sentem inferiores ou são realmente tratados como inferiores. Assim, os direitos civis e políticos, o acesso à moradia e à saúde de qualidade, as relações de trabalho e a educação são prejudicados por um sistema educacional que oferece padrões duplos para brancos e negros.

As relações étnico-raciais são encharcadas pelo racismo, inclusive na escola. O currículo escolar, às vezes é falho, ao momento em que não compreende a história e as culturas africanas e afro-brasileiras e o debate das relações étnico-raciais como importantes para ações afirmativas de reconhecimento e combate às desigualdades raciais. Reconhecer e admitir a escola como uma instituição na qual predomina a norma branca, eurocêntrica e racista nos permite propor alternativas a essa problemática.

Pensar a escola como branca, ocidental e colonial requer discutir o conceito de branquitude, as implicações deste estudo e a perspectiva de análise para o ambiente escolar não como um espaço social isolado, mas como um reproduzidor de estruturas sociais. Ao se tornar invisível no debate das relações raciais por não se definir no espaço racializado, acaba colocando todos que não são iguais a si na condição de “outro”, de “minorias”, principalmente no que diz respeito aos espaços educacionais.

Quando abordamos a ideia da escola como um espaço de “branquitude”, institucionalmente racista, estamos falando de uma escola que não questiona os padrões

estabelecidos ou que perpetua esses arquétipos e, certamente, cada uma das duas possibilidades configuram escolhas, caminhos com intenção que afetam diretamente as condições de aprendizagem dos sujeitos. É necessário reconhecer o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira como relevante, ignorar suas responsabilidades educativas quanto ao cumprimento da legislação e, nos momentos de formação, não criticar os documentos normativos.

Compreendemos que a educação brasileira é caracterizada pela produção de valores hegemônicos e pela alienação. A partir disso, diversos estudos revelam as dificuldades enfrentadas pelas populações afrodescendentes no Brasil ao longo de nossa história, pois as escolas estatais pretendiam manter as condições de subjugação da população negra sobre os brancos em cristalização por meio da educação, hierarquias e distinções do período da escravidão no Brasil.

### **ALGUNS TENSIONAMENTOS FINAIS...**

Podemos ponderar e fomentar alguns tensionamentos finais, porém distantes do fim. A série de desenho animado Mundo Bitá em alguns de seus episódios vem carregado de conceitos estereotipados que reafirmam preconceitos e fomentam o racismo. Considerando que há uma realidade cultural vinculada às plataformas digitais no Brasil, esse seria um canal e um possível caminho utilizado para as discussões das relações étnico-raciais. Por outro lado, mas no mesmo sentido de análise do caráter estruturante do racismo na sociedade brasileira, há uma ideia recorrente da pureza e da inexistência de preconceitos por parte das crianças. Esses aspectos, outrossim, reforçam ideias estruturantes de pensar as crianças numa perspectiva universalizante e ingênua.

Constatamos, outrossim, elementos legitimadores da chamada democracia racial com o enaltecimento da mistura racial no Brasil e, que isso, nos torna iguais quando questionamos a atribuição do outro como “diferente”. Nesse enfoque, constata-se uma vez mais a visão culturalista que orienta pensamentos e posturas vinculadas à formação do povo brasileiro, prescindindo a problematização desses ideários.

Assim, é preciso repensar e duvidar da perspectiva da história universal construída na invisibilidade e no apagamento de outras histórias. Dessa forma, entendendo a escola como

uma instituição em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas como lugar de estabelecer relações sociais e culturais, por onde transitam conceitos, valores, crenças, espaço de debates e conflitos que dialogicamente favorecem a construção do conhecimento

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

GOMES, N. L. (Org). Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003. Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

HOOKS, B. “E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. PEDAGOGIAS DA RACIALIZAÇÃO OU DOS MODOS COMO SE APRENDE A “TER” RAÇA E/OU COR. In: Bujes, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara (Org.) Pedagogia sem fronteiras. Canoas: Ulbra, 2010. Disponível em: [http://blog.aai.ifrs.edu.br/arquivos/pedagogias\\_da\\_racializacao.pdf](http://blog.aai.ifrs.edu.br/arquivos/pedagogias_da_racializacao.pdf).

MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra. Autêntica, 2006.

PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PORTAL DO MUNDO BITA. Portal Do Mundo Bitá. Disponível em: <https://www.mundobita.com.br/>

ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

TELLES, E. E. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Fundação Ford, 2003.



QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americana, p. 227-278. Buenos Aires: Clacso, 2005.